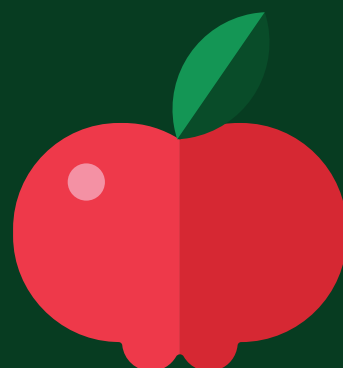
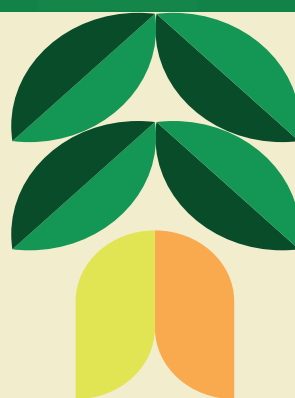
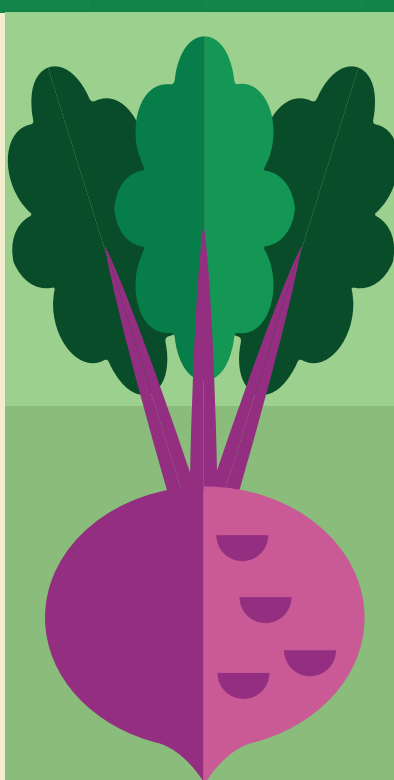
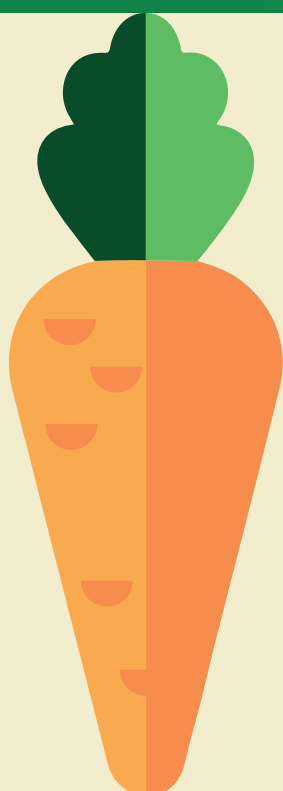
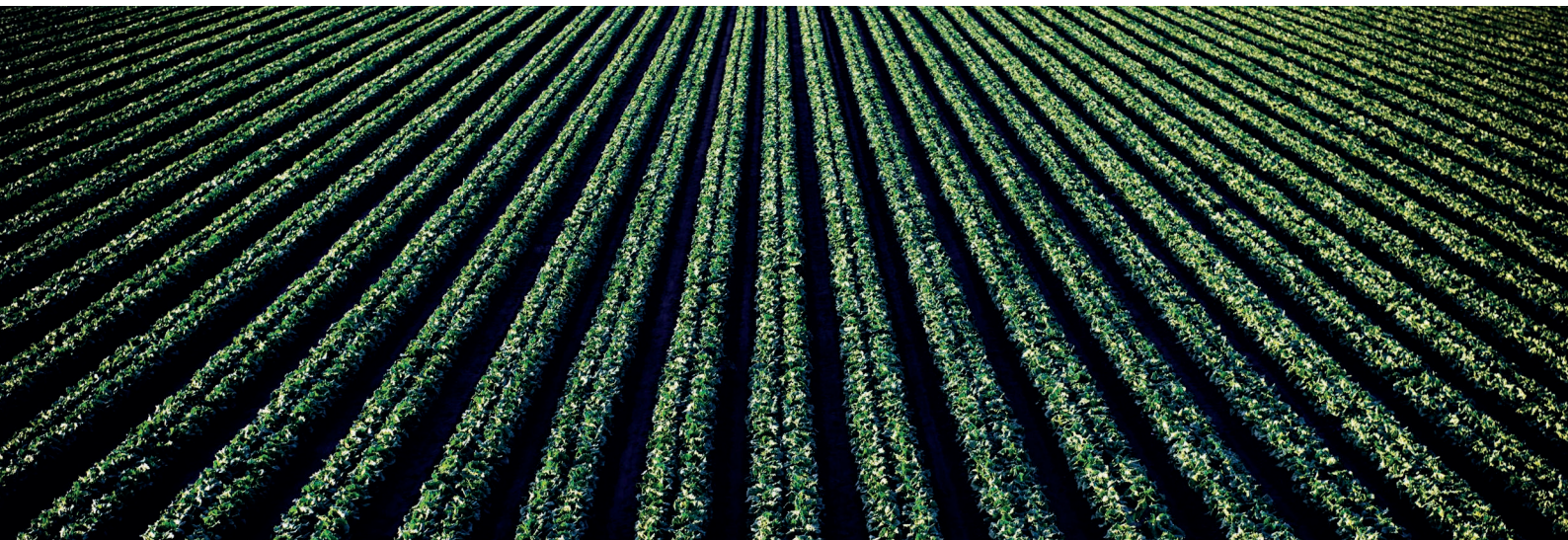


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Na região centro, o mês de janeiro ficou marcado pela passagem de três tempestades com diferentes graus de intensidade, denominadas Ingrid (≈ 22-24/01), Joseph (≈ 25-27/01) e Kristin (≈ 27-30/01). Neste período o quadro meteorológico registou chuva foi muito abundante e persistente, neve em altitudes médias/altas e vento forte a muito forte e baixas temperaturas.

A tempestade Kristin foi particularmente severa, sobretudo por causa dos ventos associados, tendo sido registadas rajadas superiores a 200 km/hora (Soure), deixando um quadro de devastação principalmente nas zonas homogêneas do Baixo Mondego, Pinhal Litoral, Pinhal, Pinhal Sul e Campina e Campo Albicastrense (grosso modo, os distritos de Coimbra, Leiria e Castelo Branco).

O impacto no setor agropecuário deste carrossel de tempestades que se abateu sobre a região é muito forte, contabilizando-se muitos e avultados prejuízos nas áreas agrícolas e infraestruturas de apoio à atividade agrícola, com efeitos imediatos, mas também duradouros, porquanto ficou manifestamente comprometida a capacidade de produção agropecuária em geral, cujo apuramento deverá decorrer num período alargado e em múltiplos planos.

Destacam-se os efeitos no solo, por efeito do encharcamento prolongado de vastas áreas, a impossibilidade de mobilização, realização de

sementeiras e aplicação de fertilizantes; a perda total ou parcial, nessas áreas, de culturas de hortícolas, batata e culturas forrageiras, bem como impacto negativo em culturas permanentes; e, um expressivo nível de destruição de estruturas, nomeadamente, edifícios de apoio, estufas e aramadas.

No Pinhal Litoral (região de Leiria) não foi possível a recolha de dados quantitativos e qualitativos para o presente relatório.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga a pluviosidade diária atingiu valores da ordem dos 26,8 mm num total de 119 mm, com a temperatura mínima média a situar-se nos 5,03°C, a máxima média nos 16,05°C. Os solos estão saturados e com drenagem muito dificultada. Os prados e pastagens encontram-se com humidade excessiva, algumas culturas como a da batata estão a sofrer atraso na sua sementeira, as hortícolas de ar livre como a couve, o nabo grelo, o nabo cabeça estão fortemente condicionadas na sua disponibilidade quantitativa, bem como na qualidade natural/comercial.

No Baixo Mondego e Pinhal Litoral, duas das regiões mais afetadas, registaram-se temperaturas muito baixas, precipitação intensa e persistente, e ventos muito fortes. É notória, em vastas áreas, a perda total de culturas hortícolas, pastagens e forragens, devido às inundações dos terrenos, destruição de culturas permanentes, bem como estarão inviabilizados os trabalhos agrícolas, nomeadamente mobilizações do solo e novas sementeiras.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o mês foi extremamente rigoroso, com temperaturas mais baixas e maiores períodos de precipitação, face ao anterior mês. São visíveis terrenos encharcados, impossibilitando actividades que exijam maquinaria, nomeadamente novas sementeiras. O período de repouso das fruteiras tem sido beneficiado, tendo estas acumulado bastantes horas de frio. Apenas a cultura da nespereira (fase de desenvolvimento do fruto) e as culturas de citrinos (fases adiantadas de amadurecimento e colheita) (o fruto caiu praticamente todo devido à passagem da depressão Kristin) não se encontram neste período de pausa. O desenvolvimento vegetativo das pastagens e forragens tem estado praticamente estagnado devido às baixas temperaturas. O excesso de água nos terrenos de cota inferior e má drenagem, já começou a afetar as culturas, sobretudo as semeadas no outono, devido à asfixia radicular em raízes pouco desenvolvidas. As culturas permanentes com folha persistente foram as mais atingidas, sendo milhares as árvores que tombaram à passagem de ventos fortíssimos. Estufas e outras estruturas agrícolas foram igualmente severamente afetadas.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, na primeira quinzena do mês choveram cerca de 64 mm, na segunda quinzena choveram cerca de 350 mm. A média das temperaturas mínimas rondou os 3,4°C e a das máximas 10,4°C. As condições climáticas da primeira quinzena permitiram iniciar as podas, mas interrompidas pelas chuvas persistentes ocorridas na segunda quinzena. Na madrugada de 28 de janeiro a passagem da depressão Kristin provocou a queda de árvores de grande porte nos locais de maior exposição aos

ventos, bem como a destruição parcial de algumas coberturas de estábulos e armazéns agrícolas.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas ocorridas durante o mês de janeiro foram adversas à agricultura, com elevada e persistente precipitação que agravou a situação de encharcamento dos solos. As temperaturas foram baixas, por vezes negativas com formação de geadas afetando algumas culturas que não tenham sido protegidas, porém inibidora de pragas e insetos nocivos. A disponibilidade de água foi benéfica para as culturas de inverno e pastagens, no entanto, as fortes chuvas e a sua persistência condicionaram a preparação dos solos para a instalação das culturas mais precoces de primavera/verão, pelo que as sementeiras se encontram muito atrasadas. Nas culturas forrageiras e pastagens naturais, o desenvolvimento está lento ou mesmo estagnado. A vinha e as árvores de fruto entraram na fase da dormência vegetativa. Algumas podas já tiveram início.

No Pinhal Sul, o mês pautou-se por temperaturas médias mais baixas que as registadas no janeiro do ano anterior. A precipitação foi elevada e distribuída ao longo do mês. Os terrenos encharcados não permitiram a sua mobilização, comprometendo a sementeira da batata e de algumas hortícolas precoces. Os estragos provocados pela tempestade Kristin afetaram sobretudo os citrinos onde a maioria dos frutos caiu. Há também registos de oliveiras arrancadas e destruição das coberturas dos pavilhões dos animais.





Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, choveu muito, desceram as temperaturas, ocorreu queda de geada e neve na maioria da área geográfica. Este estado de tempo prejudicou muito o desenvolvimento das culturas em geral, em particular as hortícolas e arvenses anuais. Em contrapartida permitiu a reposição dos reservatórios freáticos.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, o mês de janeiro caracterizou-se por apresentar no geral, temperaturas médias diurnas com valores abaixo dos ocorridos em igual período do ano transacto e precipitação acima dos valores do referido ano. O estado do tempo não permitiu a conclusão de algumas sementeiras das culturas outono-invernais. A situação agravou-se com o fenómeno atmosférico Kristin no passado dia 28 de janeiro, caracterizado por chuvas abundantes e ventos extremamente fortes, que vieram provocar inundações dos campos com perda das sementeiras outono-invernais e destruição de construções agropecuárias e/ou plantações. Verificam-se também atrasos no normal ciclo vegetativo das pratenses que constituem os prados, temporários ou permanentes de sequeiro e de regadio, condicionantes muito mais agravadas nas culturas que se encontram submersas, condicionando assim a alimentação

animal e o seu maneio. Nas fruteiras procede-se às podas e respectivos tratamentos preventivos de inverno, operações culturais também fortemente condicionadas com a precipitação ocorrida ao longo do mês e agravadas nas zonas inundadas.

Na Campina e Campo Albicastrense, o mês foi frio, com temperaturas inferiores relativamente a igual período do ano anterior, e chuva abundante e persistente. Este estado do tempo dificultou o normal desenvolvimento das sementeiras de outono/inverno e das pastagens. A depressão Kristin provocou estragos avultados em estufas e outras construções agrícolas (em telhados e estruturas de apoio), para além do arranque de árvores, nomeadamente oliveiras.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de janeiro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de janeiro.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, não foram registados problemas fitossanitários significativos ao longo do mês, dado que as condições climatéricas ocorridas foram desfavoráveis ao aparecimento de pragas/doenças e a maioria das culturas se encontram em repouso vegetativo.

As condições climatéricas verificadas (a chuva permanente e baixas temperaturas) têm inviabilizado qualquer tratamento nas culturas. Conforme o local e o tempo o permitiu, nas culturas arbóreas e arbustivas, realizaram-se determinados tratamentos e medidas culturais, nas quais se incluem as podas, com o objectivo de diminuir a incidência de algumas pragas e doenças, e assim diminuir também o número de tratamentos fitossanitários durante o ciclo vegetativo dessas culturas.

Decorre processo de levantamento de prejuízos provocados pelo carrossel de tempestades que assolou a região Centro na segunda quinzena de janeiro.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de janeiro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDDR Centro, foram:

Citrinos – mildio ou aguado.

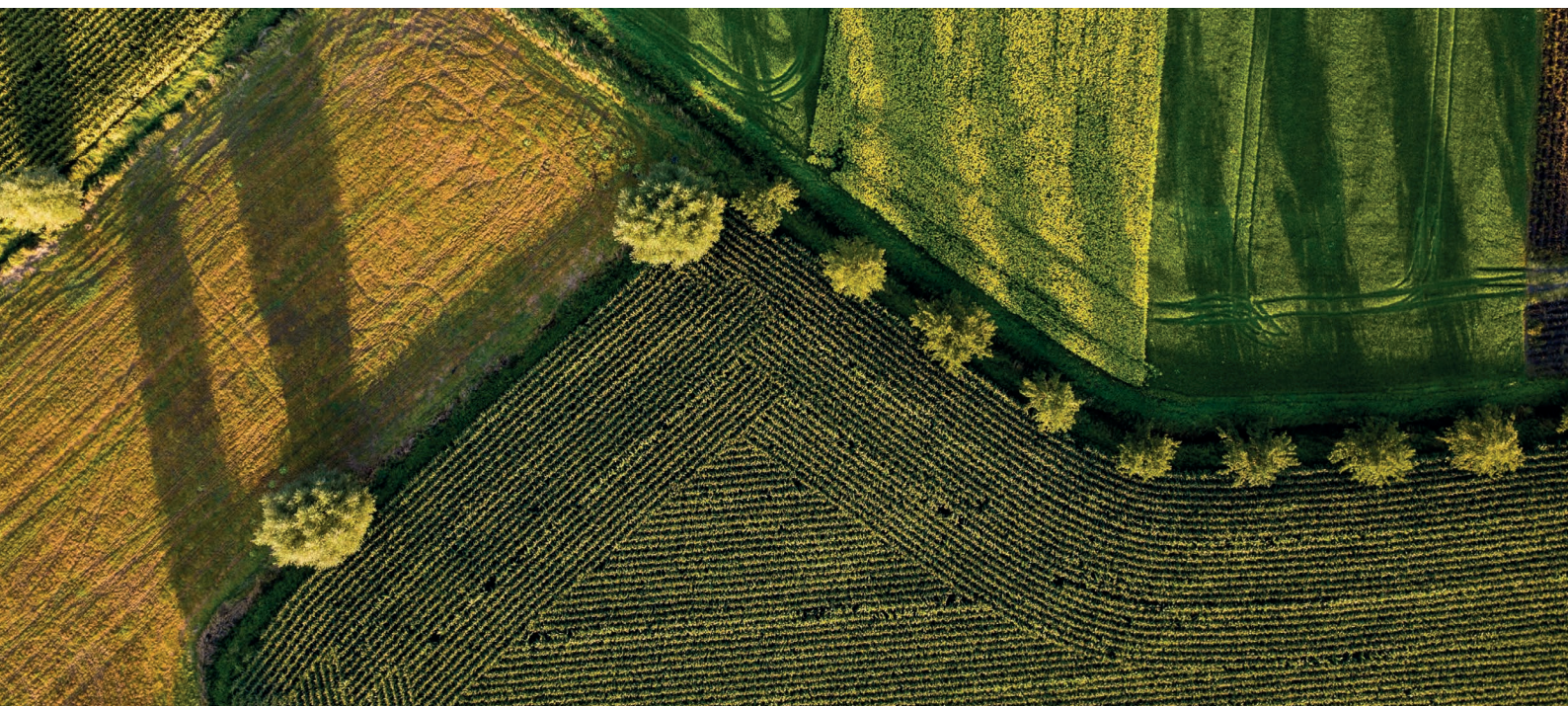
Fruteiras – tratamento de inverno – poda – medidas culturais.

Olival – ronha ou tuberculose, poda da oliveira (cuidados e época da sua realização).

Pomóideas – cancro, pulgão-lanífero, cochonilha de São José; cuidados a ter na realização da poda e época.

Prunóideas – cancro-bacteriano, crivado, lepra, moniliose; cuidados a ter na realização da poda e época.

Vinha – doenças do lenho da videira – medidas culturais.



3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, as culturas já há algum tempo semeadas estão nesta altura com um desenvolvimento vegetativo atrasado devido à intensa precipitação que tem caído em toda a região e que têm deixado os solos muito frios e as culturas com humidade excessiva. Regista-se uma significativa redução na disponibilidade para a alimentação pecuária nos prados, pastagens e culturas forrageiras. O pastoreio direto está dificultado devido ao alagamento excessivo dos solos. A alimentação animal é predominantemente assegurada por silagens, fenos, e complementados com rações industriais

e alguns suplementos vitamínicos.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, devido às baixas temperaturas, o desenvolvimento vegetativo foi praticamente inexistente. A grande quantidade de água nos solos está a impossibilitar novas sementeiras. Esta situação obrigará a que o ciclo de grande parte das forragens e pastagens se inicie tardiamente, sendo uma contrariedade ao regular desenvolvimento vegetativo. As sementeiras já efectuadas começam a ser afectadas pela asfixia radicular em zonas de má drenagem, podendo vir a obrigar a ressementeiras nos próximos meses. Face às condições meteorológicas, os agricultores excluem por completo quaisquer tratamentos ou adubações nas próximas semanas.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, verificou-se um ligeiro aumento das áreas semeadas de pastagens temporárias no primeiro caso (Alto Mondego) e um aumento substantivo no



segundo caso (Beira Serra). Os pastos pararam o crescimento e estando completamente alagados, não permitem já o pastoreio. O consumo de feno e de rações industriais é agora bastante maior do que o ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas e hidrológicas condicionaram de forma significativa a actividade fisiológica das culturas forrageiras. A precipitação registada ao longo do mês provocou a saturação dos solos, mantendo-

os encharcados o que, associado às baixas temperaturas e à ocorrência de geadas, tem limitado o normal desenvolvimento vegetativo. As pastagens naturais e de sequeiro apresentam um estado vegetativo fraco, com crescimento praticamente estagnado. Nos prados de regadio, o desenvolvimento vegetativo mantém-se igualmente condicionado pelo frio e pelo excesso de humidade no solo, observando-se apenas a manutenção do coberto vegetal, sem crescimento significativo susceptível de suportar regimes de pastoreio contínuo. Em

solos saturados, está a haver restrição do acesso dos animais às parcelas.

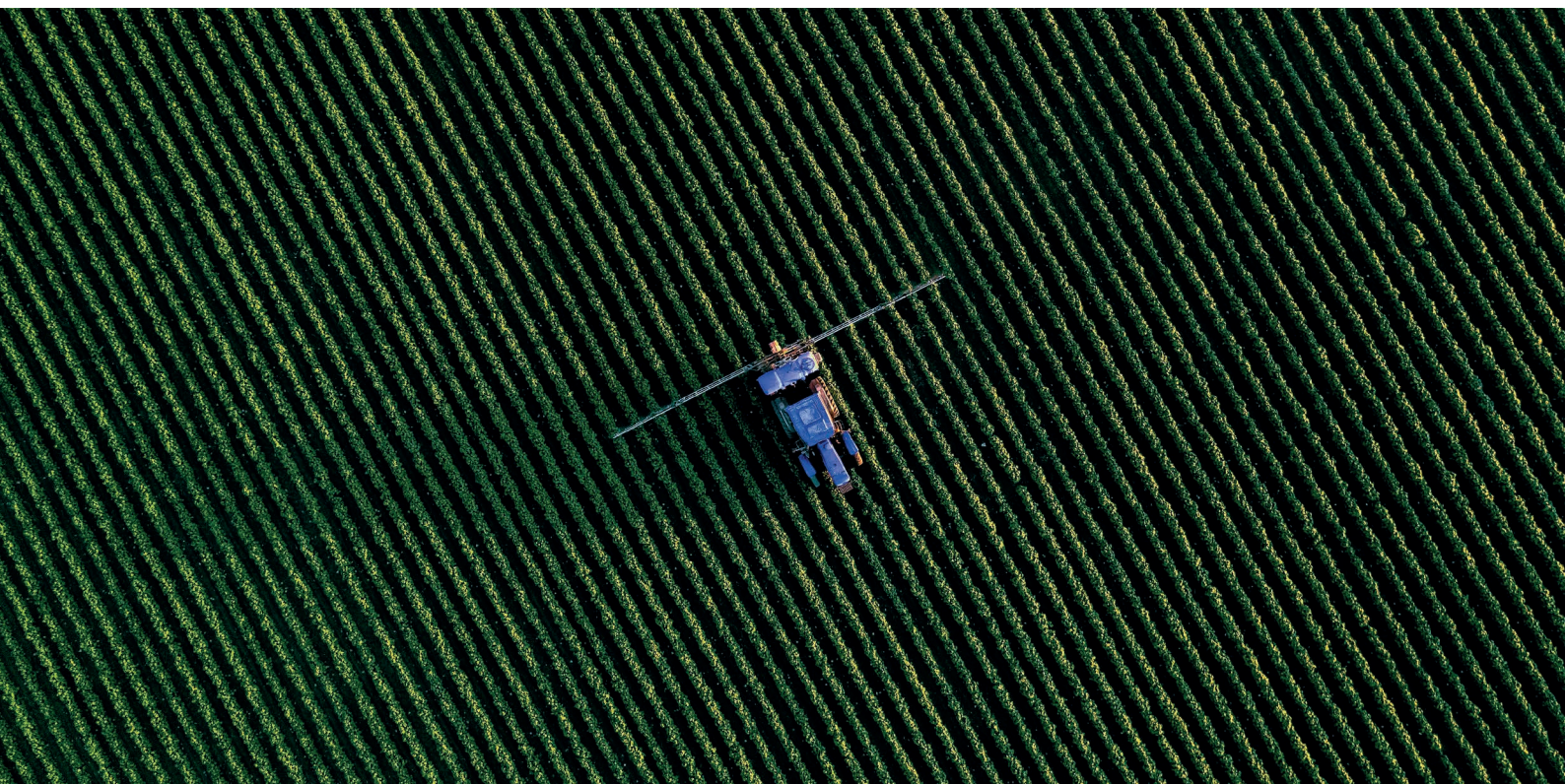
No Pinhal Sul, com a precipitação e as temperaturas baixas que ocorreram durante o mês de janeiro os prados, pastagens e culturas forrageiras tiveram crescimentos baixos. As zonas de baixas continuam a ser impossíveis de pastorear devido ao alagamento dos solos. Alguns animais vão pastoreando as zonas altas e muitos são alimentados à manjedoura com erva cortada. Continuam a ser suplementados com fenos, palhas e rações.

Nas **zonas do interior**, em Riba e Cimo Côa, estas culturas apresentam um bom estado vegetativo, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Depois dos grandes problemas para alimentar o efectivo, nas zonas dos incêndios, a situação é agora bem melhor, o que não invalida que daqui a uns meses, não haja problemas nessas mesmas regiões, dado que os produtores não possuem forragens armazenadas. De momento os suplementos são utilizados no efectivo de engorda.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, os prados e as pastagens permanentes espontâneas de sequeiro e as culturas forrageiras e pratenses temporárias de sequeiro, têm visto o seu normal desenvolvimento comprometido devido ao excesso de água no solo já com situações de

encharcamentos e às baixas temperaturas registadas, levando a uma diminuição da disponibilidade alimentar. Tal como no mês anterior, durante este mês houve também uma maior utilização generalizada de alimentos conservados ou rações, de um modo geral, cerca de 30-40% a mais, relativamente ao mesmo período do ano transacto. A intempérie que assolou a região no passado dia 28 de janeiro, veio agravar esta dependência alimentar, a qual passou a ser, em termos gerais de cerca de 40-50%. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer ao uso de rações e de outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.

Na Campina e Campo Albicastrense, o pastoreio está limitado pela fraca disponibilidade de matéria verde devido ao excesso de precipitação e temperaturas baixas, que limitaram ou impediram o desenvolvimento das pastagens, o que tem originado menor quantidade de erva para pastoreio comparativamente a igual período do ano anterior. Nalguns casos as sementeiras das culturas forrageiras não foram efectuadas devido à impossibilidade de as máquinas agrícolas entrarem nos terrenos por excesso de água. Continua a verificar-se a reconversão de explorações de ovinos de leite para ovinos de carne devido à falta de mão-de-obra e aos elevados custos de produção, situação que conduz cada vez mais à redução da oferta de leite para produção de queijo.



4-a – Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspecto vegetativo das searas, variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado.

Nas **zonas do litoral**, e no Baixo Vouga, as sementeiras destas culturas decorrem principalmente no mês de fevereiro, prevendo-se manter as suas áreas de uma maneira geral. Janeiro não tem sido propício a uma normal germinação e desenvolvimento vegetativo das culturas, devido à intensa e persistente pluviosidade sendo, no entanto, expectável que a normalização climatológica a curto/médio prazo venha permitir a recuperação.

No Baixo Mondego, os solos saturados têm dificultado as mobilizações e as sementeiras dos cereais praganosos, levando ao atraso na instalação destas culturas. Os cereais praganosos já semeados, apresentam lento desenvolvimento vegetativo, e, nas cotas mais baixas, poderão mesmo estar perdidas por efeito do encharcamento do solo provocado pela tempestade Kristin. Assim, é expectável uma significativa redução das áreas ocupadas por estas culturas em relação ao ano passado.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a permanência dos ataques de espécies cinegéticas reflectem-se na diminuição de áreas semeadas, afectando naturalmente a manutenção das culturas cerealíferas nesta zona.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, de uma maneira geral, a germinação foi razoável, no entanto, os campos estão totalmente saturados de água e nos locais mais baixos as culturas encontram-se submersas. Não se verificaram alterações da área semeada.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, a germinação dos cereais praganosos de outono/inverno, como o trigo, centeio, cevada e tritcale foi boa, beneficiando da humidade adequada do solo após a sementeira, no entanto, as condições meteorológicas adversas registadas posteriormente, nomeadamente a ocorrência de geadas e o encharcamento dos terrenos vieram condicionar o seu normal desenvolvimento, o que pode vir a influenciar a produção. As áreas semeadas não apresentam alterações significativas face ao ano anterior, salvo o trigo e a cevada que diminuiram ligeiramente face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, o crescimento dos cereais praganosos está estagnado, observando-se algumas sementeiras amareladas. As áreas semeadas são semelhantes às do ano anterior.

Nas **zonas de interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, as lavouras e sementeiras decorreram normalmente, estão terminadas e de momento apresentam um bom aspecto. Estima-se que as áreas semeadas sejam sensivelmente as mesmas do ano anterior.



Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a maioria das sementeiras foram efectuadas a partir de novembro. No entanto, sua germinação foi fortemente condicionada pela precipitação entretanto ocorrida e pelas baixas temperaturas. Algumas das searas situadas em solos de cotas mais baixas denotam sinais de asfixia radicular devido ao encharcamento. As áreas semeadas são sensivelmente as mesmas em relação ao ano anterior. Ainda não é possível contabilizar a repercussão da intempérie na produtividade das espécies cerealíferas afectadas.

Na zona homogénea da Campina e Campo Albicastrense, da mesma forma que o excesso de água está a afectar o desenvolvimento das pastagens e culturas forrageiras também os cereais praganosos estão a ser prejudicados. O estado do solo (excesso água) também impede a realização das adubações de cobertura.



5-c – Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

Nas zonas do litoral, e à semelhança de todas as restantes culturas, a produção de citrinos terá ficado seriamente comprometida, em resultado dos estragos provocados pela tempestade Kristin, cuja expressão será apurada oportunamente.

Nas zonas de transição, no Pinhal, os citrinos têm um cariz sobretudo familiar e não tanto económico, mantendo-se alguma preocupação com tratamentos fitossanitários. Contudo nesta campanha, a queda precoce de fruto foi acima da média, sendo visível a picada da mosca-da-fruta na epiderme do fruto. A maioria das variedades já se encontrava em fase de colheita, contudo, a passagem da depressão Kristin e dos seus ventos fortíssimos, provocou a queda de muitos frutos.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os citrinos ainda não atingiram o estado de maturação, não estando, portanto, em condições de colheita. Dadas as condições climatéricas verificadas, estão a sofrer ataques de mildio, o que irá comprometer a produtividade e consequentemente a produção.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os pomares de citrinos são pouco representativos e, na maioria dos casos, têm pequena dimensão ou correspondem a árvores dispersas em explorações situadas em zonas de menor altitude. As baixas temperaturas, a ocorrência de geadas e a elevada humidade condicionaram o crescimento. A produção (reduzida) não apresenta variações face ao ano anterior, relativamente à qualidade dos frutos, o calibre é, igualmente, idêntico ao ano passado.

No Pinhal Sul, a produção do limão poderá sofrer acentuada quebra devido aos estragos provocados pela tempestade Kristin, em valores a apurar oportunamente.

8-a - Azeitona para azeite: estado vegetativo e produção quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita da azeitona está terminada tendo sido a produção em quantidade idêntica à da última campanha, mas de melhor qualidade. O rendimento superou em relação ao último ano, com valores entre 13 a 15%.

No Baixo Mondego, a azeitona foi de boa qualidade assim como o azeite produzido. A funda foi em média 13%. A quantidade de azeitona para azeite foi superior em relação ao ano transato.

No Pinhal Litoral, a produção de azeitonas para azeite registou um aumento de cerca de 10% em relação ao ano passado. A qualidade do azeite produzido foi significativamente melhor, tanto pelo nível de baixa acidez como pela quantidade de polifenóis.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a campanha da azeitona já terminou, tendo sido bastante positiva. Ao contrário do ano anterior, a quantidade de azeitona foi grande, não só em olivais cuidados, como também em olivais pouco zelados. A apanha começou no início de outubro,

quando o fruto ainda estava verde, sendo a funda pouco rentável. A apanha precoce por parte de alguns agricultores teve como principal razão, o receio que o fruto (não tratado) caísse antes de estar maduro. Com o decorrer das semanas, a maturação da azeitona foi-se aproximando do seu estado ideal, resultando em fundas mais generosas. Os períodos de precipitação que ocorreram, foram afetando quer a quantidade quer a qualidade do fruto. As fundas após as chuvas naturalmente que baixaram, mas em geral obteve-se sempre azeite com baixa acidez. Dada a grande quantidade de azeitona nas árvores, praticamente todos os agricultores efetuaram colheita. Comercialmente, pela grande quantidade de azeite produzido na zona, o valor do litro de azeite para venda tendeu a baixar. A cultura encontra-se agora em repouso vegetativo. A passagem da depressão Kristin arrancou milhares de oliveiras.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais apresentaram produção muito heterogénea, sendo inferior à do ano passado no Alto Mondego, devido ao mau vingamento do fruto e também pela vasta área de olival ardido no concelho de Seia. Embora na Beira Serra o vingamento dos frutos tenha igualmente sido muito heterogéneo de olival para olival, ao contrário do que anteriormente se previu, as oliveiras que vingaram bem o fruto



tiveram uma produtividade excepcional, com uma boa qualidade, levando a um aumento de produção na região homogénea. Nas duas regiões a qualidade da azeitona foi muito superior, porque mais produtores realizaram os tratamentos fitossanitários necessários.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o olival registou aumentos de produção na ordem de 30% e 15%, respetivamente, face ao ano anterior. De um modo geral, a azeitona entregue nos lagares apresentou boa qualidade, com bom calibre e estado sanitário, originando azeite de boa qualidade. A funda variou entre 7,5 e 12 kg de azeitona por litro de azeite.

No Pinhal Sul, a campanha da azeitona está terminada. A produção foi de cerca de 50% superior à campanha anterior. A qualidade da azeitona foi muito boa proporcionando a obtenção de azeites de boa qualidade. A maior parte dos azeites produzidos foram extra virgem. As fundas, em média, foram na ordem dos 8,2 kg de azeitona para 1 litro de azeite.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, confirmou-se uma quebra na produção

da ordem dos 10 % na azeitona para azeite, compensada pela qualidade e quantidade do azeite produzido. As fundas rondaram a média dos 15%, isto é 15 kg de azeite por 100 kg de azeitona (cerca de 6,66 kg de azeitona para 1 litro de azeite).

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a colheita de azeitona para azeite está terminada. Registou-se uma diminuição da produção na azeitona para azeite, relativamente ao ano anterior, de cerca de 15% e 10% na Serra da Estrela e Cova da Beira, respetivamente. A qualidade do azeite é superior à do ano transato e o rendimento em azeite foi em média cerca de 10,0 Kg de azeitona / 1 L de azeite na Serra da Estrela e 8,5 Kg de azeitona/1 L de azeite na Cova da Beira. A qualidade do azeite é boa.

Na Campina e Campo Albicastrense, comparativamente à campanha anterior, a presente campanha de azeitona para azeite teve menor quantidade e melhor qualidade. O rendimento em azeite foi melhor, cerca de 7,7 kg/litro, bem como a qualidade, com quantidade significativa de lotes extra-virgem.



ANEXO I

Zonas Homogêneas		Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	com precipitaç	Temperaturas médias (°C)		
				01 a 31/01		Máx.	Min.	Média
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Agueira	193,8	28	14,3	5,0	9,7
		Anadia	Arcos	284,8	27	15,7	5,6	9,8
			Pedralvites	-	-	-	-	-
	Baixo Mondego	Cantanhede	Poço Lobo	227,8	28	13,1	5,2	9,3
		Soure	Moínho de Almoxarife	230,6	24	15,1	7,0	11,0
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	257,0	24	14,8	7,1	10,6
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	256,0	21	14,8	7,2	11,0
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	249,0	24	14,6	6,8	10,6
	Pinhal Litoral	Batalha	Branças	201,8	22	14,1	6,2	10,0
		Leiria	Azóia	115,6	21	13,6	7,4	10,4
		Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-
			Alcaria	335,6	28	13,2	5,9	9,5
		Pombal	Abiul	-	-	-	-	-
		Leiria	Regueira de Pontes	182,0	26	14,6	6,7	10,6
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	297,4	25	17,4	5,0	9,9
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
		Ansião	Freixo	274,0	27	12,3	5,1	8,5
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	-	-	-	-	-
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	296,8	27	10,3	3,6	6,8
	Baixo Dão-	Tondela	Quinta das Tílias	444,0	27	12,3	5,5	8,6
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	215,2	20	11,6	3,8	7,4
	Pinhal Sul	Sertã	Cernache	267,2	26	11,4	3,7	7,5
		Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	287,8	22	11,4	5,0	7,9
		Oleiros	Oleiros	255,2	24	9,3	3,5	6,2
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	137,6	22	12,3	3,1	7,4
		Pinhel	Pinhel	163,8	23	10,0	1,8	5,9
		Trancoso	Trancoso	239,4	25	-1,3	-5,1	-3,2
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	205,6	25	10,6	2,6	6,6
	Cimo Côa	Guarda	Relvas	214,2	23	11,0	3,2	7,1
		Sabugal	Martim Rei	254,8	26	7,7	0,9	4,3
		Almeida	Almeida	152,8	24	8,8	2,1	5,2
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	180,6	24	10,8	2,8	6,8
		Covilhã	Lamaçais	288,6	25	11,3	2,9	7,0
		Fundão	Brejo	226,0	23	10,6	3,5	7,0
			Alcongosta	308,2	23	8,7	3,2	5,9
			Fadagosa	138,4	20	10,4	4,1	7,0
	Campina e Campo	Idanha-a-Nova	Várzea	197,4	23	12,7	3,5	7,8
		Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	171,0	23	10,7	2,0	6,4

Fonte: EMMAF - RGA - DLF, M.F.

ANEXO II

30/01/2026																
								Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias		
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Cota actual	Actual (hm3)	Ultima leitura (hm3)	Varição (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armazen. - hm3	%	Descarregado r de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico	
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	104,18	0,102	0,102	0,000	↔	100,0%	0,098	100,0%	sim	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,70	0,134	0,134	0,000	↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	684,88	2,200	2,200	0,000	↔	100,0%	2,150	100,0%	sim	não	não
Mortágua	Macieira	143,63	0,946	0,026	0,920	144,00	0,946	0,946	0,000	↔	100,0%	0,920	100,0%	sim	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	482,10	0,120	0,120	0,000	↔	100,0%	0,116	100,0%	sim	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	577,32	4,867	4,867	0,000	↔	100,0%	4,684	100,0%	sim	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	801,18	0,854	0,854	0,000	↔	100,0%	0,650	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	112,82	1,746	1,746	0,000	↔	100,0%	1,746	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	131,12	3,891	3,447	0,444	↑	100,0%	3,300	100,0%	sim	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	547,30	0,589	0,589	0,000	↔	100,0%	0,556	100,0%	sim	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354		15,449	15,005		100,0%	14,354	100,0%				
OBSERVAÇÕES/OUTROS:																
n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.																
Fonte: CCDRC/DIGRH																



WWW.CCDRC.PT

